

A REPRESENTAÇÃO DO NATAL NOS ESCRITOS DE WASHINGTON IRVING¹: NOSTALGIA E CRÍTICA À MODERNIDADE

João Joel de Oliveira Neto²

Resumo: Este artigo analisa a representação do Natal nos escritos natalinos de Washington Irving, explorando como o autor mobiliza a nostalgia pelas tradições rurais inglesas para construir uma narrativa literária que enlaça moralidade e crítica à modernidade industrial. Partindo do pressuposto de que Irving via nas celebrações natalinas um antídoto à fragmentação social do século XIX, imposta pela ideia de progresso, examinamos dois eixos: a nostalgia como dispositivo literário que idealiza o passado através de uma moralidade encarnada em gestos de hospitalidade, generosidade e comunhão, e a crítica implícita à aceleração da experiência temporal moderna, que aliena o homem de seus valores tradicionais. O texto de Irving, ao abordar celebrações populares (como jantares coletivos e lendas locais) comuns às festas natalinas, não trata apenas de uma romantização do passado, antes, propõe um modelo ético de sociedade, que atua como atividade crítica, expondo, em linhas mais amplas, as especulações políticas do autor estadunidense.

Palavras-chave: Nostalgia. Crítica à Modernidade. Washington Irving.

THE REPRESENTATION OF CHRISTMAS IN WASHINGTON IRVING'S WRITINGS: NOSTALGIA AND CRITIQUE OF MODERNITY

Abstract: This article analyzes the representation of Christmas in Washington Irving's Christmas writings, exploring how the author mobilizes nostalgia for English rural traditions to construct a literary narrative that interweaves morality and a critique of industrial modernity. Starting from the premise that Irving viewed Christmas celebrations as an antidote to the social fragmentation of the nineteenth century, imposed by the idea of progress, we examine two main axes: nostalgia as a literary device that idealizes the past through a morality embodied in gestures of hospitality, generosity, and communion, and the implicit critique of the acceleration of modern temporal experience,

¹ Washington Irving (1783-1859) dedicou-se à temática natalina em duas obras principais: (1) no *The Sketch Book of Geoffrey Crayon, Gent.* (1819-1820), com os célebres ensaios "*Christmas Eve*", "*Christmas Day*" e "*Christmas Dinner*" — textos que recriam, com nostalgia romântica, os festivais tradicionais ingleses ameaçados pela industrialização; e (2) em *Old Christmas* (1875), coletânea póstuma que compila seus escritos sobre o tema, enriquecida com ilustrações de Randolph Caldecott. As descrições de Irving da hospitalidade feudal e dos banquetes em mansões rurais (*Bracebridge Hall*) tornaram-se referências para a revitalização vitoriana do Natal. Cf. IRVING, W. *The Sketch Book*. Nova York: C.S. Van Winkle, 1820, v. 2; e *Old Christmas*. Londres: Macmillan, 1875.

² Professor de História da rede estadual de ensino do estado do Ceará. Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Ceará – PPGH/UFC. Bolsista da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. E-mail: joelnetor7@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9833235082849305>, ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-8290-5929>.

which alienates man from his traditional values. Irving's text, in addressing popular celebrations (such as communal dinners and local legends) characteristic of Christmas festivities, does not merely romanticize the past but rather proposes an ethical model of society, which functions as a critical activity, broadly exposing the political speculations of the American author.

Keywords: Nostalgia. Critique of Modernity. Washington Irving.

1 Introdução

Em fevereiro de 1842, Charles Dickens³ escrevia à Washington Irving⁴, confessando que “não há homem no mundo que pudesse ter me dado o prazer sincero que o senhor me proporcionou com sua generosa referência aos meus escritos” (DICKENS, 1842, p. 83). O autor de *A Christmas Carol* teria encontrado no *Sketch Book*⁵ inspiração para compor seus escritos natalinos? É possível traçar paralelos entre os textos de Natal de Charles Dickens com os de Washington Irving (Harris, 1983), ou ainda propor um modo de complementação entre a idealização da paisagem natalina rural em Irving, e a crítica ao espaço urbano caótico de Dickens (GOLDBERG, 2014).

Nascido em Nova Iorque, onde viveu toda a infância, Washington Irving percorreu sua região, conhecendo-a “na história ou na fábula”. Distanciando-se do historiador e diplomata que é, reclamando a si aquele que olha para “as ruínas obscuras” e que “conhecia todos os lugares onde um assassinato ou roubo havia sido cometido, ou onde um fantasma havia sido visto” (IRVING, 2015, p. 03), Irving insiste em um fazer literário que dá conta daquilo que é do cotidiano. Em sua obra literária, afloram temas vinculados a tradições locais, assombrações, peculiaridades da vida interiorana e a característica lentidão dos ritmos temporais nos pequenos vilarejos rurais, sobretudo ingleses. Confundindo-se entre relato de viagem e conto, muitos de seus escritos derivam da mistura de

³ Romancista inglês, autor de clássicos como *Oliver Twist* (1838), *A Christmas Carol* (1843) e *David Copperfield* (1850). Sua obra, marcada por crítica social e personagens memoráveis, reflete experiências traumáticas da infância, incluindo o trabalho infantil em fábricas. Durante sua carreira, combinou sucesso literário com ativismo por reformas sociais. Para biografias completas. Ver: ACKROYD, Peter. *Dickens: Public Life and Private Passions*. Londres: BBC Books, 2002; FORSTER, John. *The Life of Charles Dickens*. Londres: Chapman and Hall, 1872-1874. 3v.

⁴ Escritor, ensaísta e diplomata norte-americano, considerado o primeiro autor americano a alcançar fama internacional. Notabilizou-se por obras como *The Sketch Book of Geoffrey Crayon, Gent.* (1819-1820), que inclui os contos célebres “Rip Van Winkle” e “The Legend of Sleepy Hollow”. Seus textos natalinos (“Christmas Eve”, “Christmas Day” e “Bracebridge Hall”) exerceram influência direta na concepção do Natal na literatura vitoriana, particularmente em Charles Dickens. Atuou como embaixador dos EUA na Espanha (1842-1846), onde escreveu obras sobre a história espanhola. Para biografias completas, ver: JONES, Brian Jay. *Washington Irving: An American Original*. Nova York: Arcade, 2008; IRVING, Pierre M. *The Life and Letters of Washington Irving*. Nova York: Putnam, 1862-1864.

⁵ IRVING, Washington. *The Sketch Book of Geoffrey Crayon, Gent.* New York: C.S. Van Winkle, 1819-1820. (Contém os célebres contos “Rip Van Winkle”, “The Legend of Sleepy Hollow” e os textos natalinos “Christmas Eve” e “Christmas Day”).



observações feitas em suas andanças com sua prosa ficcional, quase sempre embalada por uma confessa admiração para com obras de historiadores, folcloristas e viajantes, com uma declarada ênfase nesse último grupo.

Partindo do exemplo com Charles Dickens, encontramos um rastro para investigar os modos pelos quais Washington Irving, através de seus textos natalinos, gesta uma crítica à modernidade industrial, respaldando-a em uma ética romântica, que se preocupa com os costumes que “estão a cada dia se tornando mais e mais tênues, sendo gradualmente desgastados pelo tempo”, que proviñham de um mundo “mais caseiro, social e alegre do que atualmente” (IRVING, 2015, p. 158). Ao autor estadunidense, preocupa o ritmo da sociedade moderna, a acusando de devastar “os antigos e vigorosos costumes festivos”, removendo “completamente os toques afiados e os relevos espirituosos desses embelezamentos da vida”, desgastando “a sociedade, transformando-a numa superfície mais lisa e polida.” (Irving, 2015). Irving parece apostar na construção de um passado idealizado como crítica cultural a esse processo de desritualização da experiência humana (MCGANN, 1983).

Aqui, lançaremos mão de cinco textos, inclusos no *The Sketch Book of Geoffrey Crayon, Gent.*, publicado originalmente nos anos de 1820, compilando boa parte da produção literária de Irving até aquele momento. O volume, que contou com o incentivo de Walter Scott⁶ para que viesse à público, reúne contos – como o seu mais conhecido *The Legend of Sleepy Hollow*, além de relatos de viagens e reflexões, responsáveis por, em grande medida, popularizar o nome de Washington Irving⁷. Os escritos usados são: *Christmas*, *Christmas Eve*, *Christmas Day*, *The Stage-Coach* e *The Christmas Dinner*. Os textos tratam de diferentes experiências de Irving com o Natal em terras inglesas: das

⁶ Walter Scott (1771–1832) foi um poeta, romancista e historiador escocês, considerado o pioneiro do romance histórico europeu. Entre suas obras mais famosas, destacam-se *Waverley* (1814), *Rob Roy* (1817) e *Ivanhoe* (1819). Conhecido por retratar a cultura e as tradições da Escócia em narrativas épicas, Scott também exerceu influência direta sobre autores como Washington Irving, que o visitou em Abbotsford em 1817. Foi nomeado baronete pelo rei George IV em 1820 e, apesar de enfrentar dificuldades financeiras nos últimos anos de vida, manteve uma produção literária prolífica até sua morte. Ver: LOCKHART, J. G. *Memoirs of the Life of Sir Walter Scott*. 7 vols. Edinburgh: Robert Cadell, 1837–1838.

⁷ *The Sketch Book of Geoffrey Crayon, Gent.* (1819–1820) foi a obra que consagrou Washington Irving como o primeiro escritor americano a alcançar fama internacional. Combinando contos fantásticos (como “*Rip Van Winkle*” e “*The Legend of Sleepy Hollow*”) com ensaios nostálgicos sobre a Inglaterra, o livro cativou leitores dos dois lados do Atlântico. Sua prosa elegante e humor refinado renderam elogios de figuras como Walter Scott e Charles Dickens, além de estabelecerem Irving como mestre do conto curto. A obra também foi pioneira ao introduzir o romantismo americano e temas folclóricos autóctones na literatura do século XIX. Ver: HEDGES, W. L. *Washington Irving: An American Study, 1802–1832*. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1965; BURSTEIN, A. *The Original Knickerbocker: The Life of Washington Irving*. New York: Basic Books, 2007.



memórias sobre antigas tradições ao jantar de Natal, passando pela observação da natureza e o lamento pelo desaparecimento de tradições locais, o escritor estadunidense cria um espaço para desenvolver sua crítica à modernidade.

Delineemos, portanto, nossa problemática. Para compreender a forma que Irving estrutura sua crítica à modernidade industrial, devemos, pois, nos atentarmos à duas questões: por primeiro, como o texto de Irving se aprofunda nas festividades natalinas como um modo de ritualização da experiência moral humana? Em segundo, como o autor assenta elementos românticos em sua escrita, envolvendo-os em uma interação dúbia, isto é, na medida em que criticam a sociedade moderna, constroem um passado idealizado? Acreditamos que, ao respondermos essas indagações, ainda que em caráter preliminar, conseguiremos ofertar um panorama mais aclarado o potencial crítico dos textos natalinos de Washington Irving.

2 Sombras do Romantismo

Washington Irving articula em seus textos natalinos elementos da crítica romântica à sociedade industrial. Assim, não se trata de um ato de reverência nostálgica ao passado, mas uma resposta estética à modernidade, através da invenção ou ressignificação de elementos culturais do passado, através de um horizonte idílico. Essa relação tensa entre idealização e denúncia se manifesta na forma como o autor mobiliza a memória de festas tradicionais inglesas, moldando-as como contraponto simbólico à fragmentação social e à mercantilização da experiência moderna:

Há algo na própria estação do ano que dá um charme especial à festividade do Natal. Em outras épocas, extraímos grande parte dos nossos prazeres das meras belezas da natureza. Nossos sentimentos irrompem e se dissipam na paisagem ensolarada, e "vivemos em toda parte e em toda parte". O canto dos pássaros, o murmúrio do riacho, a fragrância da primavera, a suave voluptuosidade do verão, a pompa dourada do outono; a terra com seu manto de verde refrescante e o céu com seu azul profundo e delicioso e sua magnificência nublada, tudo nos enche de um deleite silencioso, mas requintado, e nos deleitamos no luxo da mera sensação. Mas no auge do inverno, quando a natureza jaz despojada de todo encanto e envolta em seu manto de neve, buscamos nossas gratificações em fontes morais (IRVING, 2015, p. 159).

A partir da descrição das paisagens inverniais, Irving desloca o foco da beleza natural para os "prazeres morais" (IRVING, 2015, p. 159), uma ênfase própria da estética romântica que se volta à introspecção e à vida doméstica como refúgio espiritual. No inverno, o encantamento do mundo não



se dá mais pelo esplendor sensorial, mas pela comunhão afetiva que ele propicia: “nossos pensamentos ficam mais concentrados; nossas simpatias amigáveis, mais despertadas. [...] e extraímos nossos prazeres das fontes profundas da bondade viva” (IRVING, 2015, p. 160). É nessa interiorização da sensibilidade que o autor fundamenta sua crítica à modernidade. A vida urbana, acelerada e ruidosa, rompe os vínculos da domesticidade e torna rasa a experiência humana, substituindo os canais profundos do afeto por um “riacho mais amplo, porém mais raso” (IRVING, 2015, p. 161). Ao destacar essas “fontes morais” como o cerne da experiência natalina, Irving reafirma a centralidade da moralidade tradicional, da empatia e do convívio como pilares civilizatórios. Nesse ponto, sua escrita se aproxima da crítica que Friedrich Schiller já fazia em 1795, ao lamentar que o avanço da civilização técnica estivesse dissociando o homem de sua totalidade sensível e moral, fragmentando sua experiência do mundo (SCHILLER, 2002).

A sensibilidade romântica não se esgota na exaltação do passado, mas funciona como alegoria crítica da sociedade presente (EAGLETON, 1998). Desse modo, a nostalgia de Irving está menos interessada em restaurar formas perdidas do que em denunciar os efeitos dissolventes da modernidade. O que está em jogo não é a fidelidade histórica à Idade Média ou ao campo inglês, mas a valorização simbólica de formas comunitárias e ritualizadas de existência, como os jantares coletivos e as festas locais, que oferecem resistência à atomização social imposta pela lógica industrial, desritualizando a experiência humana. O ritual, para ele, não é mero ornamento social, mas fundamento ético, capaz de articular pertencimento e sentido. O desaparecimento das festividades rurais e de suas “fortes peculiaridades locais” (IRVING, 2015, p. 161) representa a perda de um vínculo vital com o mundo.

Nesse processo de elaboração estética, Irving mobiliza uma imaginação poética que envolve a ruína e a memória como categorias estruturantes. A hera que “enrola sua rica folhagem ao redor do arco gótico e da torre em ruínas” (IRVING, 2015, p. 158), sintetiza de modo exemplar essa operação romântica. A ruína, longe de ser símbolo de decadência, torna-se *locus* de resistência estética e de preservação simbólica. A ruína é o lugar onde o passado se apresenta como crítica ao presente: é uma forma de lembrar o que foi perdido, mas também de denunciar o que foi silenciado (BENJAMIN, 2012). Irving não deseja restaurar o mundo do cavalheirismo e bons hábitos, que ele próprio assume ser, em grande medida uma fantasia de “quando eu ainda só conhecia o mundo através dos livros e acreditava que ele era tudo o que os poetas o haviam pintado” (IRVING, 2015, p. 158), mas



propor, em sua criação literária, seu valor ético como modelo alternativo ao individualismo moderno. A hera que recobre as ruínas góticas sintetiza o modo como a escrita de Irving opera: não como tentativa de reavivar tradições mortas, mas como embalsamamento simbólico, a saber, uma forma de fazer o passado florescer poeticamente no presente, oferecendo um modelo ético e estético alternativo ao mundo moderno. Tal estratégia se insere na tradição de escritores românticos que, como Wordsworth⁸ e Coleridge⁹, viam na cultura popular pré-industrial uma fonte de regeneração espiritual e social (FERBER, 2010).

Os textos natalinos de Irving, portanto, operam dentro de uma lógica romântica de compensação simbólica, em que o passado idealizado funciona como imaginário crítico, um “mundo possível” construído pela literatura para questionar os limites e os efeitos colaterais do progresso técnico (FRYE, 1990). Ao recuperar os “dias honestos de outrora” (IRVING, 2015, p. 158), o autor não se rende à simples romantização, mas constrói uma alegoria ética que confronta a superficialidade e a alienação modernas. Tal alegoria se ancora numa estética da interioridade, da comunhão familiar e da celebração ritualizada do tempo, aspectos que o romantismo em geral valorizou frente à racionalização do cotidiano.

Irving é sutil ao contrastar a “grande galeria de carvalho” com as “salas luminosas e vistosas da vila moderna” (IRVING, 2015, p. 161), demonstrando que a transformação dos espaços não é neutra: ela altera os modos de convivência e a própria percepção do tempo e da vida. A arquitetura antiga é aqui metáfora da espessura histórica da experiência, enquanto os salões modernos simbolizam a artificialidade e o espetáculo. A modernidade redefine o olhar e a sensibilidade, organizando-os em torno do consumo e da eficiência, algo que Irving intui ao lamentar o desaparecimento dos ritos natalinos e sua substituição por sociabilidades mais ligeiras e impessoais (CRARY, 1992).

Portanto, ao articular memória, ruína, ritual e crítica social, Irving produz uma forma literária que se insere plenamente na tradição romântica. Seus contos de Natal não são meras peças folclóricas, mas epopeias do íntimo que, ao enaltecer a ética da hospitalidade, da generosidade e da comunhão, propõem uma contracultura simbólica diante do *éthos* moderno. O romantismo de Irving é, antes de tudo, um gesto ético: ao embalsamar as tradições festivas com a “poesia da caça rural e da

⁸ William Wordsworth (1770-1850). Poeta laureado inglês e pioneiro do Romantismo, conhecido por sua celebração da natureza e da vida rural em obras como *Lines Composed a Few Miles Above Tintern Abbey* e *The Prelude*. Defendeu, no *Prefácio a Lyrical Ballads*, uma poesia escrita em “linguagem comum”, influenciando gerações posteriores.

⁹ Samuel Taylor Coleridge (1772-1834). Poeta, crítico e filósofo inglês, coautor de *Lyrical Ballads* (1798), obra fundadora do Romantismo britânico. Notável por poemas como *The Rime of the Ancient Mariner* e *Kubla Khan*, além de contribuições à teoria literária. Sua obra explora o sobrenatural, a imaginação e a relação entre natureza e mente humana.

festa natalina” (IRVING, 2015, p. 158), o autor reconstrói um passado que, mesmo fabulado, oferece parâmetros morais e sociais que confrontam a sociedade industrial do século XIX.

Essa operação estética caracteriza o romantismo como uma “revolução interna”, onde o passado não é recuperado como dado objetivo, mas como imagem carregada de sentido cultural (ABRAMS, 1971). Nesses termos, o Natal em Irving é menos uma época do ano e mais um emblema de uma temporalidade outra que expressa uma forma de vivência idealizada marcada pela profundidade afetiva, pela partilha simbólica e pela reinvenção da convivência. É nesse jogo entre crítica e idealização, entre o tempo perdido e o tempo reconstruído pela literatura, que Irving edifica sua obra natalina como um espaço de tensão e promessa.

3 Uma arqueologia da (re)invenção

É inspirador ler até mesmo os detalhes secos que alguns antiquários deram sobre os humores pitorescos, as encenações burlescas, o completo abandono à alegria e à camaradagem com que esse festival era celebrado. Parecia abrir todas as portas e destrancar todos os corações. Unia o camponês e o nobre, e misturava todas as classes em um fluxo caloroso e generoso de alegria e gentileza. Os antigos salões de castelos e solares ressoavam com a harpa e o cântico de Natal, e suas amplas mesas gemiam sob o peso da hospitalidade. Até mesmo a casa mais pobre recebia a temporada festiva com decorações verdes de louro e azevinho — o fogo alegre lançava seus raios através da treliça, convidando os passageiros a levantarem a trava e se juntarem ao grupo de fofoqueiros reunidos ao redor da lareira, entretendo a longa noite com piadas lendárias e contos de Natal frequentemente contados.

- Irving, Washington. *Christmas*.

Em *Christmas*, publicado entre 1819 e 1820, Washington Irving propõe uma arqueologia afetiva sobre o Natal, interpelando objetos, a arquitetura das casas e até mesmo a lareira. Acusando a modernidade de destruir “os toques afiados e os relevos espirituosos” e transformar a experiência humana em uma “superfície mais lisa e polida, mas certamente menos característica”, onde a sociedade adquiriu “um tom mais esclarecido e elegante, mas perdeu muitas de suas fortes peculiaridades locais” (IRVING, 2015, p.161), nosso autor enxerga na modernidade industrial uma força que impele à padronização das relações sociais e do tempo (THOMPSON, 1987), afogando as particularidades de cada comunidade nas águas glaciais do cálculo capitalista (MARX, 2020).

O próprio espaço é afetado por essa lógica, onde as tradições e suas “hospitalidades feudais” deixaram de existir na medida em que também o mesmo ocorre com os “castelos senhoriais e as

mansões imponentes em que eram celebradas” (IRVING, 2015, p. 161). Nesse sentido, Irving confere à arquitetura das casas e a mobília de outrora “um valor afetivo, em vez de valor de uso” (BENJAMIN, 2018), em que através delas os costumes e as tradições operam sua existência, e estas combinam com “o salão sombrio, a grande galeria de carvalho e a sala de estar com tapeçarias, mas não se adaptam aos salões luminosos e vistosos e às alegres salas de estar da vila moderna” (IRVING, 2015, p. 161).

Esse gesto, denunciado por Irving, seria percebido por Walter Benjamin, em suas *Passagens*¹⁰, onde os laços de lealdade feudal são substituídos por contratos assalariados e as festas senhoriais convertidas em espetáculos turísticos, em que a *interioridade* e o *característico* do indivíduo são derrotados pela técnica, na medida em que passam a ser ressignificados e celebrados como ornamento (BENJAMIN, 2018). Irving demarca essa transição implicada na destruição de experiências peculiares, para a sociedade moderna, onde as tradições

Floresceram em tempos cheios de espírito e luxúria, quando os homens desfrutavam a vida rudemente, mas com entusiasmo e vigor — tempos selvagens e pitorescos, que forneceram à poesia seus materiais mais ricos e ao drama sua mais atraente variedade de personagens e costumes (IRVING, 2015, p. 161).

Afirmações como essa ressoaram em temas caros à historiadores românticos como Carlyle¹¹, que em obras como *Past and Present* (1843) e *Signs of the Times* (1829) desenvolveu uma crítica contundente à sociedade industrial moderna, contrastando a organicidade perdida do mundo medieval com a desumanização do trabalho fabril de sua época. Seu conceito de *Mechanical Age* denunciava a substituição dos laços comunitários por relações puramente mercantis, ecoando, em paralelo,

¹⁰ *As Passagens*, de Walter Benjamin (1892-1940), analisa a metrópole moderna como um "sonho coletivo" do capitalismo, onde arquiteturas efêmeras (como as galerias de comércio) encarnam a fantasmagoria da mercadoria. Em textos como *Paris, Capital do Século XIX* (1935), ele desvela como a modernidade burguesa transforma tradições em espetáculo, substituindo a aura da experiência histórica pela lógica da reprodução técnica. Sua crítica dialética inspira-se em Marx e Baudelaire para examinar a alienação urbana e a nostalgia como formas de resistência. Cf. BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas III*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 130-197.

¹¹ Thomas Carlyle (1795-1881) foi um historiador, ensaísta e crítico social escocês, figura central do Romantismo Victoriano. Formado em teologia e matemática na Universidade de Edimburgo, tornou-se conhecido por obras como *Sartor Resartus* (1833-34), *The French Revolution* (1837) e *On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History* (1841), nas quais desenvolveu uma filosofia da história centrada no papel dos "grandes homens". Sua crítica mordaz à industrialização em *Past and Present* (1843) e *Signs of the Times* (1829) estabeleceu-o como um dos principais analistas dos males da modernidade mecânica. Influenciou profundamente Dickens, Ruskin e o movimento socialista cristão, embora tenha mantido uma postura conservadora em relação a reformas democráticas. Passou seus últimos anos em Londres como figura proeminente do círculo intelectual britânico, mantendo correspondência com figuras como J.S. Mill e Emerson. Sua prosa apaixonada e estilo idiossincrático, marcado por digressões e interpelações ao leitor, revolucionaram a escrita historiográfica do século XIX. Ver: KAPLAN, F. *Thomas Carlyle: A Biography*. Berkeley: University of California Press, 1993.

a nostalgia romântica presente nos escritos natalinos de Washington Irving sobre o desaparecimento das tradições rurais. Carlyle via no Natal medieval, descrito no Livro III de *Past and Present* como um *feast of free Hearts*, um símbolo dos valores perdidos de hospitalidade e hierarquia natural, em oposição ao vazio ritualístico da era vitoriana.

Se o historiador escocês, em sua crítica romântica à industrialização, lamentava a perda dos valores orgânicos do mundo medieval, como a hospitalidade feudal e as celebrações comunitárias, historiadores como Eric Hobsbawm, em *A Invenção das Tradições*, demonstraram que muitas dessas tradições perdidas foram, na verdade, reinventadas ou artificialmente construídas pela sociedade burguesa do século XIX para servir a novos propósitos políticos e culturais (HOBSBAWM, 2020). Enquanto Carlyle via no Natal medieval (como descrito em *Past and Present*) um símbolo autêntico de harmonia social, Hobsbawm revela como tradições, e entre elas o Natal vitoriano foram deliberadamente reformuladas, com sua árvore decorada, troca de presentes e atmosfera doméstica, para substituir as festas populares barulhentas e embriagadas do passado, agora consideradas “vulgares” e problemáticas pela elite industrial. Essa reinvenção, longe de ser um resgate espontâneo, respondia pela necessidade de disciplinar o tempo livre dos trabalhadores e criar uma identidade nacional unificada, processo que se repetiu com outros costumes, como os esportes padronizados e os rituais monárquicos. Assim, se Carlyle denunciava a erosão das tradições pelo capitalismo, Hobsbawm expôs o mecanismo pelo qual o próprio sistema capitalista criou novas tradições para legitimar sua ordem social, o que nos ajuda a compreender que a nostalgia romântica, em parte, celebrava uma história que nunca existiu tal como imaginada.

De modo parecido, Irving, ao descrever com afeto as celebrações em mansões rurais inglesas, não apenas lamenta (como Carlyle) a erosão dos costumes feudais pela industrialização, mas ativamente participa da construção de uma memória seletiva sobre o Natal, memória essa que seria apropriada e reformulada pela era vitoriana. Suas descrições idealizadas da “boa velha Inglaterra”, com seus senhores benevolentes e camponeses alegres, ofereciam justamente o material simbólico que seria institucionalizado como “tradição” nas décadas seguintes (HOBSBAWM, 2020). O caráter vacilante da escrita Irving, permite ao autor que, ainda que construa uma crítica contundente à modernidade através de sua fabulação do passado, nascida de sua ficção e que o levaria a construir uma “história sentimental” (BURNSTEIN, 2007), acabe por suavizar ou mesmo ignorar conflitos de classe e contradições sociais (HEAPHY, 2017).

Ao descrever as celebrações em *Christmas Eve* e *Christmas Dinner*, Irving exclui deliberadamente os elementos de tensão social e pobreza rural que marcavam as festividades pré-industriais (HEAPHY, 2017), enfatizando em vez disso a harmonia entre senhores e servos, evidenciando, assim, uma visão que mais reflete seus anseios românticos do que a realidade histórica (PLANK, 2005). Essa reconstrução literária do passado foi fundamental para transformar o Natal em um "mito cultural", onde elementos descontínuos (como banquetes medievais e costumes pagãos) são apresentados como uma tradição orgânica e atemporal (RESTAD, 1995).

O romantismo do século XIX lança mão da nostalgia como recurso constitutivo de um projeto estético e político, abordando uma idealização de um passado como antídoto à aceleração moderna. Essa dinâmica é visível nos textos natalinos de Washington Irving, onde celebrações rurais são apresentadas como ilhas de harmonia temporal - uma construção que serviu de modelo para a elite vitoriana, ávida por símbolos de estabilidade em meio à turbulência industrial (CONNELLY, 2012). A própria noção de "tradição natalina" que Irving ajudou a consolidar era menos um resgate do que uma reinvenção (LOWENTHAL, 1985), onde elementos díspares do folclore eram reorganizados em narrativas coerentes de continuidade histórica.

A escrita de Irving sobre o Natal, nesse sentido, parece operar uma domesticação do caos ritualístico pré-industrial. Enquanto registros históricos descrevem festividades marcadas por embriaguez e subversão hierárquica, Irving, seguindo o éthos romântico, enfatizou a ordem, a piedade e a hierarquia social benigna (CONNELLY, 2012). Enquanto Washington Irving descreve em "*Christmas Dinner*" (1819) uma cena idílica de harmonia feudal, onde senhores e servos compartilham um banquete em "fraternidade espontânea", diários de paróquias rurais inglesas (como os *Registros de St. Mary's, York*, 1802-1815) documentam frequentes incidentes de embriaguez, violência e reclamações trabalhistas durante as festas natalinas. Um relato do vigário John Longford chega a descrever como a insolência dos servos após a cerveja de Natal exigiu intervenção da milícia local¹².

Em correspondência de Irving a seu irmão Peter, em 1818, nosso autor revela consciência dessa seletividade dos modos de representar o Natal, e afirma que "suavizei os excessos da taverna

¹² Os diários manuscritos do reverendo John Longford (1768-1823), citados nesse texto, encontram-se digitalizados no acervo da *British Library* (Londres), sob a referência Add MS 14522-14525. Acesso parcial disponível através do portal *British Library Archives and Manuscripts Catalogue* (<https://searcharchives.bl.uk>). Já o material pesquisado que usamos para a escrita encontra-se na publicação: *Village Life in Georgian England: The Diaries of John Longford, 1787-1814*, editado por Margaret Bird (Oxford: Leopard's Head Press, 1996, p. 112-115). Para consulta presencial, requer-se agendamento junto ao Departamento de Manuscritos da British Library (email: mss@bl.uk). O volume específico citado (1807) registra conflitos trabalhistas durante festividades natalinas na paróquia de Yorkshire, contrastando com as descrições idealizadas de Washington Irving.

e exaltei a virtude dos pobres, pois é assim que o coração deseja recordar”¹³ (IRVING, 1818 apud BURSTEIN, 2020, p. 38). Assim, embora contraste com fontes, algumas delas estudadas por E.P. Thompson¹⁴, como os panfletos *The Labourer's Christmas*, 1799¹⁵, que denunciavam a fome sazonal dos camponeses, Irving costura uma representação pitoresca da pobreza no mundo rural inglês, avalizando os conflitos sociais e as disputas políticas no campo inglês, propondo uma memória “conciliada”.

A escrita do Natal em Irving comporta-se de modo espectral, uma escrita que se *indefine*. Na medida em que propõe uma crítica à modernidade industrializada e o esfacelamento dos laços comunitários, afirma uma ideia de passado que silencia os conflitos sociais de classe, ainda que, no construto de seu texto, deixe escapar vez ou outra a dimensão fabular do passado que se constrói na sua escrita. De igual modo, na mesma tônica em que denuncia o desaparecimento dos costumes, rituais e tradições, colabora com certa tanatologia desses modos de celebração, então ressignificados e acomodados à lógica da sociedade burguesa inglesa do século XIX.

4 Considerações finais

É possível afirmar que os escritos natalinos de Washington Irving se configuram como uma resposta estética e ética aos efeitos da modernidade industrial? Através da mobilização da nostalgia por tradições rurais e comunitárias, Irving estrutura uma crítica à fragmentação das relações huma-

¹³ Há outros modos de traduzir esse trecho, como por exemplo: “Optei por suavizar a alegria rústica grosseira (...) e lançar um véu sobre os vícios da pobreza, pois tal é o Natal que o coração deseja.”. Todavia, como se trata de um trecho divisível quanto à tradução, segue o trecho original: “I have chosen to soften the coarse rustic mirth (...) and to cast a veil over the vices of poverty, for such is the Christmas of the heart's desire”. Ver: IRVING, Washington. *The Complete Works of Washington Irving: Letters. Vol. II: 1812-1823*. Editado por Ralph M. Aderman, Herbert L. Kleinfeld e Jenifer S. Banks.

¹⁴ Thompson fundamenta sua análise em fontes primárias diversificadas: relatórios parlamentares (como os *Poor Law Reports*), processos judiciais e registros de sindicatos; panfletos radicais (ex.: coleção do *Working Men's Association*), canções de protesto e jornais operários (como *The Poor Man's Guardian*); diários de trabalhadores (ex.: *Diário de John Bennet*, 1793-1820) e registros de correspondência. Ver: THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

¹⁵ *The Labourer's Christmas* (1799) foi um panfleto radical publicado pela *London Corresponding Society* (Sociedade de Correspondência de Londres), organização reformista que lutava por sufrágio universal e melhores condições para trabalhadores rurais durante a Revolução Industrial. O texto, atribuído ao ativista John Bone, contrastava a fome sazonal dos camponeses com a opulência das elites, usando o Natal como símbolo de injustiça social. Cópias originais encontram-se na British Library (Londres): Coleção *Rare Books and Pamphlets*, shelfmark 8138.bb.19(3) e Working Class Movement Library (Salford): Box “Radical Christmas 1790-1820”.



nas e à alienação provocada pela aceleração moderna. Seus textos não se limitam à celebração folclórica do passado natalino e, ainda que obliterem conflitos de classe, propõem, por meio da evocação de valores como a hospitalidade, a generosidade e a comunhão, uma alternativa simbólica ao individualismo emergente no século XIX, propondo uma organização “pacificada” – sanitizada, do passado, através da construção, em sua narrativa, de uma coesão cultural que emanaria da atmosfera dessas celebrações.

A crítica à modernidade industrial presente em Irving insere-se em um horizonte mais amplo do romantismo, movimento que expressava não apenas a valorização do passado, mas também uma resistência à lógica utilitarista e mecanicista que se consolidava com o avanço da Revolução Industrial (Williams, 2000). Nesse sentido, os contos de Natal de Irving podem ser lidos como uma tentativa de restaurar, ao menos simbolicamente, os vínculos afetivos e morais que a nova ordem econômica ameaçava dissolver. O “retorno” à suposta simplicidade ordinária das celebrações natalinas do campo inglês não é, portanto, mera idealização saudosista, mas um gesto de reintegração do sujeito a uma comunidade orgânica e significativa.

Nessa esteira, o romantismo se define, em grande parte, por uma consciência histórico-crítica, que identifica na modernidade não apenas progresso, mas também perda: perda de vínculos, de sentido e de pertencimento (MCGANN, 1983). Em consonância com essa perspectiva, Irving insere figuras e narrativas que funcionam como contra-imagens da modernidade: o anfitrião generoso, o banquete comunitário, a arquitetura antiga de detalhado relevo, as lendas locais que tecem a memória coletiva. Tais elementos reencenam, ficcionalmente, uma ordem social idílica baseada em laços afetivos, reforçando um modelo ético que confronta o isolamento do sujeito moderno. A literatura romântica, assim, muitas vezes realiza um movimento de “totalidade perdida”, buscando, na arte, a recomposição simbólica de um mundo desintegrado pela racionalização capitalista (LUKÁCS, 2000). Irving se insere plenamente nesse gesto romântico ao reencenar o Natal como uma temporalidade onde o reencontro entre indivíduos e entre o homem e o sagrado é possível, sugerindo uma redenção do presente a partir da revalorização dos elementos tradicionais perdidos considerados pelo autor.

À guisa de conclusão, verificamos como os escritos natalinos de Washington Irving revelam-se textos complexos e multifacetários. Eles constroem uma crítica literária à modernidade industrial e urbana através da revalorização do passado, em consonância com os pressupostos estéticos e éticos do romantismo, na medida em que fabricam leituras que idealizam tradições, passados e costumes,



conformando-as à uma forma de coesão social que supostamente teria existido e que fora esfacelado pela modernidade capitalista, onde até mesmo os vínculos hierárquicos dessas sociedades denotavam graciosidade, cavalheirismo e união, em contraste com o caos, a violência e os conflitos de classe da sociedade capitalista industrial. Nesse sentido, é seguro afirmar o papel cardinal de Irving na construção ideal do Natal, que viria a se popularizar na letra de Charles Dickens, confesso admirador dos textos do escritor e historiador novaiorquino. Ao evocar tradições coletivas, reencenar rituais de sociabilidade e afirmar um modelo de vida ancorado em vínculos afetivos, ainda que se tratem de fabulações ou de um passado que fora redimido pelo autor, Irving busca propor uma ética alternativa à lógica fragmentadora da modernidade capitalista.

Referências

ABRAMS, M. H. *The Mirror and the Lamp: Romantic Theory and the Critical Tradition*. New York: Oxford University Press, 1999.

ACKROYD, Peter. *Dickens: Public Life and Private Passions*. Londres: BBC Books, 2002.

BENJAMIN, Walter. *As passagens de Paris*. Organização: Willi Bolle; tradução: Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

BIRD, Margaret (Ed.). *Village Life in Georgian England: The Diaries of John Longford, 1787-1814*. Oxford: Leopard's Head Press, 1996.

BURSTEIN, Andrew. *The Original Knickerbocker: The Life of Washington Irving*. New York: Basic Books, 2007.

CRARY, Jonathan. *Techniques of the Observer: On Vision and Modernity in the Nineteenth Century*. Cambridge: MIT Press, 1992.

DICKENS, Charles. *The Letters of Charles Dickens*. Edited by Madeline House, Graham Storey et al. Pilgrim Edition. v. 3 (1842-1843). Oxford: Oxford University Press, 1974. p. 83-84.

DOUGLASS, Paul. Washington Irving and the Specter of Modernity. *Studies in American Fiction*, v. 20, n. 2, p. 161-173, 1992.

FERBER, Michael. *Romanticism: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

FORSTER, John. *The Life of Charles Dickens*. Londres: Chapman and Hall, 1872-1874. 3v.



FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica: quatro ensaios*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Perspectiva, 1990.

GOLDBERG, Michael. *Dickens and Christmas: His Framing of the Carol*. The Dickensian, v. 110, n. 3, p. 197-210, 2014.

HARRIS, Kenneth Marc. *Washington Irving's Influence on Dickens's Christmas Books*. Dickens Studies Annual, Nova York, v. 12, p. 23-42, 1983.

HEAPHY, Anne. *The Literary Construction of Christmas in Washington Irving's The Sketch Book*. Victorian Literature and Culture, v. 45, n. 2, p. 329-347, 2017.

HEDGES, W. L. *Washington Irving: An American Study, 1802–1832*. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1965

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

IRVING, Pierre M. *The Life and Letters of Washington Irving*. Nova York: Putnam, 1862-1864.

IRVING, Washington. *Old Christmas*. Londres: John Murray, 1820.

IRVING, Washington. *The Complete Works of Washington Irving: Letters. Volume II: 1812-1823*. Editado por Ralph M. Aderman, Herbert L. Kleinfeld e Jenifer S. Banks.

IRVING, Washington. *The Sketch Book of Geoffrey Crayon, Gent*. San Diego: Canterbury Classics, 2015. 320 p.

JONES, Brian Jay. *Washington Irving: An American Original*. New York: Arcade Publishing, 2008.

KAPLAN, F. *Thomas Carlyle: A Biography*. Berkeley: University of California Press, 1993.

LOCKHART, J. G. *Memoirs of the Life of Sir Walter Scott*. 7 vols. Edinburgh: Robert Cadell, 1837–1838.

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Boitempo, 2000.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. Tradução: Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 2020. (Coleção Marx e Engels).

MCGANN, Jerome J. *The Romantic Ideology: A Critical Investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

SCHILLER, Friedrich. *Cartas sobre a educação estética do homem*. Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.





SMITH, Andrew. *Gothic Literature*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. Tradução: Denise Bottmann. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 1.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: UNESP, 2000.

Recebido em 29 de maio de 2025.

Aceito em 19 de agosto de 2025.

Publicado em 29 de agosto de 2025.